

Mais além, surgem trilhas de ouro e rosa,  
Sobre a Terra que foge, diminuta...  
A paisagem por fim se desenluta  
Em aurora esplendente e majestosa!

Estou livre, no entanto escuto gritos  
Que me lanham quais látegos aflitos...  
Triste de mim!... Debalde, me comovo!...

40 O passado apresenta longo arquivo,  
E eu, que ria e cantava redivivo,  
Volto ao berço das lágrimas de novo!...

3

LAMENTO PATERNO

Ah! meu filho, na concha de teu peito,  
Via-te o coração por céu vindouro,  
Encerravas contigo, meu tesouro,  
O futuro risonho, alto e perfeito.

Entretanto, prendi-te a cruces de ouro,  
Cujo peso carregas sem proveito,  
Abatido, cansado, insatisfeito,  
Arrojado a terrível sorvedouro...

Recolheste, no encanto de meu jugo,  
O fascínio da posse por verdugo  
E a preguiça forjando horrendas pragas.

Hoje, chamo-te em vão... Ouves apenas  
O dinheiro vazio que armazenas  
Na demência da usura em que te apagas!...

40. Quer o poeta dizer que o corpo espiritual ostenta os clichês de todos os seus atos praticados, inclusive os de existências anteriores a que, debalde, tenta o individuo fugir.



1  
DEUS

Passa no oceano azul a resplendente frota,  
Brilham flâneos pendões, de fragata em fragata...  
Relampeia o esplendor... E' a luz que se desata  
Do coração da vida em clâmide remota.

Vejo a ronda dos sóis por divina cascata,  
Da Terra a que me prendo, — humilhada galeota.  
Cada estrela é canção, que a beleza pilota,  
Nos tênues brocatéis de púrpura e de prata.

(\*) Poeta, orador, romancista, contista, historiador, jornalista. Fêz o curso primário no Liceu de S. Cristóvão, do Rio, e em 1885 fixou residência na capital do Paraná, onde exerceu vários cargos públicos. Professor do Ginásio Paranaense e Escola Normal de Curitiba, DV angariou grande prestígio como verdadeiro «mestre da mocidade». Altamente espiritualista, foi um apaixonado prosélito das doutrinas ocultistas e heréticas. Helenófilo, chegou a criar em Curitiba um Instituto Neopita-



- 9 Ah! estranho Universo!... Ah! glória que me esmagas!...  
10 Constelações, dizei!... Quem vos fez como vagas  
De pétalas, bailando aos sublimes falernos?

Uma sílaba só freme, de mundo em mundo:  
Deus!... — o doce mistério altívolo e profundo!...

- 14 Deus!... — o infinito Amor dos caminhos eternos!...

2

H O M E M

Argonauta da luz que nasceste nas trevas,  
Por térmita perdido em malocas bizarras,  
Dormiste com leões de sinistras bocarras  
E, símio, atravessaste as solidões grandevas.

Preso aos totens e atado à inspiração dos devas,  
Vivias de arco e flecha ao clangor de fanfarras.  
Ai! a herança da guerra a que ainda te agarra,  
Os impulsos do abismo e as cóleras longevas!

górico, para cuja sede construiu o famoso «Templo das Musas». Fundou várias revistas simbolistas, dentre as quais se destacou *O Cenáculo*. Sua produção é vasta em todos os gêneros. Foi sócio fundador do Centro de Letras do Paraná e criou a cadeira nº 9 da Academia Paranaense de Letras. (S. Cristóvão, Rio de Janeiro, Gb, 26 de Novembro de 1869 — Curitiba, Paraná, 28 de Setembro de 1937.)

BIBLIOGRAFIA: *Efêmeras*; *Hélicon*; *Cinerário*; *Esotéricas*; etc.

9. Atente-se na apóstrofe.

10. Observe-se o “enjambement”: “...Quem vos fez como vagas/ De pétalas...” — que sugere, de imediato, o bailar das ondas de pétalas aos sublimes falernos.

14. Eis aí um dos mais excelentes exemplos de anáfora.

- Hoje, razão que brilha e amor que desabrocha,  
24 Prometeu a chorar no coração da rocha,  
Circulado de sóis e entre as sombras imerso!

- Homem! Anjo nascente e animal inextinto,  
Serás, após vencer as injúrias do instinto,  
28 A obra prima de Deus no esplendor do Universo!



24. A título de curiosidade, cf. Dario Veloso, *Cinerário*, Curitiba, 1929, págs. 22, 23 e 24, em que o poeta dedicou a *Prometheo* três sonetos, sendo o primeiro, o *Titan*, o segundo, o *Herói*, e o terceiro, o *Deos*.

28. Observem-se a musicalidade dos versos, a riqueza das rimas e a excelência de algumas antíteses.

Certamente interessado em sua identificação, o poeta utilizou-se, no primeiro verso do primeiro quarteto, do vocábulo “Argonauta”, que intitula um belíssimo poema que ele, quando encarnado, dedicara a João Itiberê da Cunha (Cf. A. Muricy, *Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 343). Compare ainda o leitor este mesmo poema com o primeiro soneto mediúnico — “Deus”, e encontrará novos pontos de identificação.